

# A RESPONSABILIDADE ETNICORRACIAL NO DISCURSO LITERÁRIO *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*, DE LIMA BARRETO

Márcio Rogério de Oliveira Cano<sup>43</sup>

Ramon Silva Chaves<sup>44</sup>

### RESUMO

Estimulados pelo franco crescimento do interesse sobre questões etnicorraciais que atualizaram a produção da obra *limana*, sob uma abordagem enunciativo-discursiva para o trabalho docente, este estudo discute a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Nosso trabalho aponta para uma discussão a partir do objeto literário sobre questões prementes ao constructo da enunciação cuja capacidade é refletir sobre questões etnicorracias, parte da proposta dos PCNs como unidade transversa. Assim, nossa incursão propõe olhar *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como campo de análise social, histórico e cultural que pontua a produção literária do negro brasileiro no início do século XX. Acreditamos, com isso, que esse estudo poderá colaborar com o trabalho docente para a manutenção do ensino de língua, literatura e considerar as unidades transversas, especialmente a etnicorracial.

<sup>43</sup> Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Docente do curso de Letras da Universidade Federal de Lavras. E-mail: mr.cano@uol.com.br.

<sup>44</sup> Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Membro do grupo de pesquisa Memória e Cultura da Língua Portuguesa Escrita no Brasil-PUC-SP. E-mail: ramon.chaves@gmail.com.

**Palavras-chave:** discurso literário; Lima Barreto; discurso racista; ensino de língua portuguesa.

## INTRODUÇÃO

“Afrodescendente por origem, opção e forma literária” (SCHWARCZ, 2017, p. 10). É assim que Lilia Schwarcz descreve Lima Barreto em biografia publicada em 2017. A descrição é exigida, pois Lilia se apresenta como novidade frente a Francisco de Assis Barbosa, primeiro biógrafo do autor fluminense, que, em 1952, publica *A vida de Lima Barreto*. Na biografia mais antiga, o fato de Lima Barreto ser um sujeito de pele “azeitonada”, como ele se nomeava, era um detalhe dentre muitos. Já na biografia de 2017, o componente racial é o fio condutor pelo qual se percorre a vida de um sujeito nascido sob um contexto de profunda desigualdade racial, causada pelos séculos de exploração do trabalho escravo justificado pela cor e pela campanha pusilânime de diminuição do caráter e da honra dos sujeitos negros no início do século XX.

A comparação entre os dois biógrafos não tem, aqui, o interesse de avaliar, de maneira moral, a produção de uma em detrimento do outro, mas de fazer refletir sobre a oportunidade – já era hora – dada na e pela contemporaneidade de pôr em pauta, de maneira central, a questão etnicorracial na produção literária, sobretudo daqueles autores, como Lima Barreto, que exigiram tal reflexão. Assim, propomo-nos a observar uma das produções de Lima Barreto, a obra *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, publicada em 1909, em Portugal, a partir do enfoque etnicorracial. Para isso, mobilizaremos os avanços dos estudos da Análise do Discurso de inspiração francesa, de modo a perceber a obra supramencionada como discurso literário que tem como condição sócio-histórica e cultural a dinâmica da eugenia racial do século passado.

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma disciplina cujo aparato é interdisciplinar, por isso, embora estejamos situados no campo da Língua e da Comunicação, convocaremos discussões que partem de outros campos, de modo a sermos capazes de dar centralidade ao compósito etnicorracial que funda a enunciação em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (de agora em diante *Recordações*).

Nosso capítulo está seccionado da seguinte forma: I. condições sócio-históricas de produção de *Recordações*; II Uma leitura necessária de *Recordações*: as unidades tópicas, não tópicas e paratópicas do discurso literário com uma

reflexão e análise sobre responsabilidade etnicorracial no discurso e na leitura do discurso.

## AS CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS E CULTURAIS DE PRODUÇÃO DE RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

A presença do texto literário na escola vai muito além de atender aos objetivos específicos de uma disciplina, de um curso, de um ano. Para além dessa potencial redução, a experiência literária nos fornece estratégias de se entender no mundo e entender o mundo por uma percepção da sensibilidade, da emoção, do belo, do intuitivo. Compreender o mundo por meio da razão, da ciência ou das disciplinas escolares esbarra, muitas vezes, na coisificação, mas, claro, tem sua importância num sentido que se dá ao mundo pela coletividade, pelo mensurável, pelo bem comum e coletivo, mas também pode implicar uma redução do indivíduo e da forma como pensa a vida. A arte, a literatura, amplia, mas como experiência criadora que permite pensar nas coisas do mundo.

Assim, refletir, estudar e levar para a escola o cotidiano complexo, difícil, histórico etc., por meio da literatura projeta outros olhares marcados por sentimentos nem sempre presentes em uma discussão racional. A indignação, a surpresa, a compaixão, entre outros sentimentos, são possíveis de se construir no sujeito por meio do olhar literário.

Entender esse modo do entremeio das condições de produção e a obra é passar por aquilo que promove a criatividade. Uma leitura literária oferece essa oportunidade. Só o texto literário nos desloca do cotidiano. Mas também pode nos deixar longe da possibilidade de pensar, por meio dele, o cotidiano. Só o texto cotidiano aprisiona e traz para essa prisão o texto literário. Por isso, a leitura criativa passa por esse entremeio, entre a implicação das condições de produção e a obra literária.

Tomando, primeiramente, as condições de produção, por um lado, falamos das condições imediatas ou sincrônicas à produção da obra, como o contexto em que se produz e os sujeitos envolvidos, mas também falamos das questões históricas, diacrônicas, que constituem a historicidade dessas condições imediatas. Olhar, pela análise do discurso ou por uma leitura mais crítica, o discurso sem sua historicidade é, muitas vezes, um processo reprodutivo em que a leitura se faz pelo lugar do cotidiano e não do analista ou de uma leitura crítica.

Essas duas dimensões que compõem as condições de produção, a imediata e a histórica, são sistematizadas por Orlandi como sentido estrito e sentido amplo. Para autora,

O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições, [...] no modo como elege representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência. E, finalmente, entra a história, a produção de acontecimentos que significam (Orlandi, 2015, p. 29).

Assim, esse sentido amplo é o que constitui a historicidade e é nela que o escritor encontra a motivação necessária para o processo criativo. Portanto, na escola, aprofundar a leitura para conhecer esse sentido amplo, contribui para a experiência literária.

Conhecer essa historicidade é compreender que a ela estamos aprisionados e assujeitados, por isso a esquecemos no cotidiano. O exercício de sua reconstrução consciente pela leitura possibilita o desenvolvimento do leitor que passa a entender que, sem essa etapa, corremos “um perigo que transformaria os sujeitos do discurso em fonte de um dizer que não é seu, mas apenas o portador ou o efeito” (COURTINE, 2014, p. 52). Isso implica ações reativas, violentas e não leituras profundas, pacientes e compassivas. Dito isso, vamos para as condições de produção da obra.

*Recordações* foi mal recebido em sua contemporaneidade. Quando foi publicado, em 1909, editado pelo Sr. A. M Teixeira, em Portugal, o livro foi chamado de “panfleto”, “à clef”, pelos leitores da época. As insinuações sobre *Recordações* não eram à toa, afinal, Isaías Caminha, protagonista do romance, é um sujeito pardo (como a ele se referiria o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística caso já existisse), reconhecido pela extrema inteligência, nascido em uma família de recursos limitados no interior do estado do Rio de Janeiro. Vida muito parecida teve Afonso Henriques de Lima Barreto, seu criador, que nasceu sete anos antes da abolição da escravatura (1881). Esse evento foi assistido com entusiasmo e esperança pelo jovem Lima Barreto. Não é exagero dizer, contudo, que o esvaziamento dessa esperança pautou a vida do autor de *Recordações* e o destino da personagem protagonista da obra na mesma proporção devastadora.

A liberdade do homem e da mulher tratados como escravos soou não apenas para Lima Barreto como para uma geração de negros que viram séculos de violação de direitos básicos, como uma possibilidade de aventar um Estado de equidade racial. No entanto, a liberdade do negro não significou sua integração na sociedade de classe, e a violência do Estado apenas substituiu a noção do

negro como propriedade para a ideia do corpo negro como ontologicamente pior em relação ao corpo branco. Desse modo, as mudanças prometidas por meio de reformas políticas não trouxeram, senão, primeiro a esperança e, depois, a desilusão.

Filho de outros pardos, João Henriques e Amália Augusta, Lima Barreto viu sua vida mudar radicalmente com os eventos que se associaram às reformas liberais patrocinadas pela proclamação da República e pela morte prematura da mãe. Amália Augusta, que fora proprietária de uma escola para meninas, morreu quando Lima Barreto era apenas uma criança. A seu pai caiu a responsabilidade da criação de quatro filhos e a situação não melhorou quando esse perdeu o emprego que tinha como funcionário do Império, pois o Visconde de Ouro Preto, seu compadrio, refugiou-se pressionado pelo novo modelo de organização do Estado brasileiro.

Diminuído ao subemprego, João Henriques dirige-se à vida no subúrbio carioca, que mais tarde seria apelidado por seu filho escritor como “Vila Quilombo”. Nessa senda, e como se não fosse suficiente, um distúrbio psicológico atinge a saúde do pai de Lima Barreto, fato que faz a vizinhança reconhecer a residência dos Barreto como a “casa do louco”. Essa não foi a última vez que o desarranjo mental atingiu a história do criador de Isaías Caminha, pois aquele mesmo passou por duas internações na Hospício Nacional de Alienados, em 1914 e 1919. O diagnóstico dado em sua ficha de inscrição é “alcoolismo”. Comentando sobre o diário íntimo de Lima Barreto, seu primeiro biógrafo escreve o seguinte:

“Vai me faltando a energia”, escreve no Diário íntimo, repositório das mágoas que o corroem. “Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o álcool me dá prazer e me tenta... Oh, Deus! Onde irei parar? (BASBOSA, 2017, p. 170).

A vida no subúrbio, a falta de reconhecimento diante de seu empenho intelectual, os inúmeros problemas familiares, foram poderosos entraves na vida do autor de *Recordações*. Nenhum desses, contudo, foi mais poderoso do que o peso histórico do preconceito da cor.

Lima Barreto foi funcionário público, estudou engenharia na politécnica e, ao que tudo indica, infeliz. É certo que a noção de felicidade é um aspecto da experiência individual do sujeito, entretanto, Afonso Henriques de Lima Barreto delegou aos inúmeros entraves que enfrentou para o alcance da felicidade a impossibilidade de ser reconhecido como autor de literatura ou ter ascendido social e economicamente, porque esse reconhecimento não cabia aos “azeitonados”.

Ainda na biografia de Barbosa (2017, p. 169), lê-se mais um registro do *Diário Íntimo*:

Estou com vinte e sete anos, tendo feito uma porção de bobagens, sem saber positivamente nada; ignorando se tenho qualidades naturais, escrevendo em explosões; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidade.

O desajuste entre uma mente promissora e uma vida de infortúnio parece ser trilho pelo qual percorrem Lima Barreto e Isaías Caminha. Além disso, o que os une mais severamente é a cor e como essa cor é lida no contexto do final do século XIX e início do século XX. Desassociar a leitura de *Recordações* das condições sócio-históricas e culturais dos não brancos brasileiros é o mesmo que extrair de um retrato, seu pano de fundo.

## RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA EM MUNDO PARA OS BRANCOS

Vida e obra têm em seu centro um rapaz que, esperançoso pela inteligência acima da média na tenra idade, vê-se decepcionado por ter uma vida meã ao avaliar o próprio percurso profissional quando adulto. Quando Lima lançou as *Recordações*, seu texto não passou incólume à crítica. Ao contrário, foi percebido, mas ignorado. Essa rejeição deveu-se ao fato de o texto abarcar com rigor a percepção do escritor frente às questões raciais. Assim,

As Recordações são fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca – tudo são índices de valor documental que interessavam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha.

Entretanto, foram justamente essa aderência ao dado biográfico e o excesso de fatos de crônica jornalística que prejudicaram a fortuna crítica da obra desde a leitura simpática, mas severa que lhe fez José Veríssimo em carta ao autor. O romance, logo classificado à *clef*, padeceria de um número demasiado de referências pessoais que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção e de realizar a passagem da observação empírica à forjadura da obra literária (BOSI, 2002, p. 187).

Os tipos encontrados na narrativa são muitos, com os quais o próprio Lima Barreto teria convivido quando trabalhou como jornalista na redação de jornais

cariocas. Contudo, se havia crítica ao modo como *Recordações* os apresentava, isso não pareceu intimidar o seu autor, pois

A intenção da obra que inaugurou Lima Barreto como romancista era, segundo ele mesmo declarou, demonstrar por meio dos fracassos do herói o preconceito e a hostilidade que o negro enfrentava na sociedade brasileira no início do século XX (OAKLEY, 2011, p. 49).

Estima-se que o território brasileiro tenha recebido à força do sequestro para exploração do braço e da expertise, cerca de 5 milhões de homens e mulheres africanos. A atroz violência fora justificada por uma série de argumentos oriundos de setores diversos da sociedade. Esses setores, todos cúmplices, reduziram esses sujeitos singulares e multiétnicos à condição de escravos. Castro Alves (*Navio Negreiro*, canto V) aventa essa redução à cor da seguinte maneira

[...]  
Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba  
Que excita a fúria do algoz?  
Quem são? Se a estrela se cala,  
Se a vaga à pressa resvala  
Como um cúmplice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa Musa,  
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde vive em campo aberto  
A tribo dos homens nus...  
São os guerreiros ousados  
Que com os tigres mosqueados  
Combatem na solidão.  
Ontem simples, fortes, bravos.  
Hoje míseros escravos,  
Sem luz, sem ar, sem razão. . .  
[...]

Na mesma esteira de Castro Alves, mas postumamente à vida de Lima Barreto, Monteiro Lobato (1927, p. 4) escreve:

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quase. Com pretexto de que, às soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

A naturalização da violência relacionada ao corpo negro figurou na literatura como uma condição da História. E essa naturalização partia de setores que se beneficiaram com a lógica da escravidão e, depois, com a lógica da reserva de mercado. A criação da ideia — é importante que se diga que é uma ideia e que é criada — do negro como inferior sustentou benesses desfrutadas por setores não negros e persiste até a atualidade, infelizmente. Assim, os interesses dos brancos estavam em detrimento dos negros, fato agravado pela noção eugênica de que estes eram uma subcategoria animal, mais aptos à servidão e à malandragem. Uma das infelizes provas de que esse pensamento penetrou tanto no imaginário sociocultural brasileiro é que, ainda em campanha, o atual vice-presidente do Brasil, em evento realizado em Caxias do Sul, disse que os brasileiros herdaram a “indolência” indígena e a “malandragem dos africanos”<sup>45</sup>.

A redução à miséria fora percebida pelos mesmos setores que eram beneficiados pela escravidão e, mesmo diante de inúmeros motins, organizações, rebeliões e resistência africana, afro-americana e indígena, a escravidão justificada por meio da cor como argumento cuja força era a de entender uns como inferiores a outros, chegou ao fim no Brasil apenas em 1888, e só depois da pressão do novo modelo econômico emanado da Europa, o liberalismo. Tanto é assim que, nas escolas brasileiras, figura como um dos heróis da liberdade negra no Brasil Joaquim Nabuco, um dos representantes das ideias liberais no território nacional. O movimento liberal apregoado no Brasil cooperou para a liberdade negra, mas não garantiu aos ex-escravizados cidadania, pois

O interesse de parte da elite intelectual brasileira pelo movimento para a emancipação dos escravos no Brasil obedeceu, desde seu início, a uma lógica que unifica seus pensamentos aos ideais do Iluminismo/Liberalismo europeu. Em nome da igualdade de direitos, da liberdade, da economia liberal, muitos pensadores condenaram o sistema colonial e o trabalho escravo buscando igualar o país às mais desenvolvidas nações da Europa. [...] fazem-se presentes teses como: todo homem é proprietário de si mesmo;

<sup>45</sup> <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/vice-de-bolsonaro-pais-herdou-indolencia-do-indio-e-malandragem-do-negro/>, consultado em 13-11-2020.

a liberdade é um bem inalienável; não pode haver nação onde não há igualdade de direitos, preocupação com o bem-estar de seu povo e aprimoramento dos meios de produção e dos produtores. Também faz parte dele (de modo explícito ou não) o desprezo pelo trabalhador negro e mestiço (SANTOS, 2002, p. 65).

A chamada República Velha brasileira estava imersa na lógica da desigualdade racial. Tanto quanto ela, seus cidadãos e aqueles cujo direito à cidadania era negado, mas estes, como vítimas. Lima Barreto não escreve sobre a violência racial como escreve Lobato ou Castro Alves, produções as quais essa violência é observada no corpo e na vida do outro. A violência racial foi, para o autor de *Recordações*, a única experiência de vida em comunidade. Para outros autores, talvez, o pano de fundo era a república, o modo de vida da *belle époque*, ou os *outros*. Para Lima, entretanto, a pauta premente era o modelo de desigualdade que tanto o atormentou. Tanto é que, personagens como Isaías Caminha não foram exclusividade de *Recordações*. Sobre *Clara dos Anjos* (1922), Schwarzc (2017, p. 463) menciona que Lima estava

Animado com o ponto-final que conseguira colocar em Clara dos Anjos, celebrou seu feito na revista A.B.C de 7 de janeiro de 1922. No artigo intitulado “Será sempre assim?”, antecipava que o romance ia bem adiantado. Depois de tamanho empenho, de tanto escrever, cortar e reescrever, a obra resultara bem mais curta que o projeto original, datado dos idos de 1904. Não obstante, hoje é visível como ficou faltando polimento na linguagem e até apuro no argumento. As passagens de uma cena para outra restam por vezes repetitivas e certos fatos nem sempre encontram sequência na narrativa. Alguns personagens são comoventes, como o poeta Leonardo Flores, que, quando bebia demais, tirava as roupas e gritava para quem pudesse ouvir: “Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores...” Nessas horas, talvez Lima ficcionalizasse a si mesmo, lembrando sua origem, sua cor, e outros poucos poetas e literatos afrodescendentes, como Luís Gama e Cruz e Sousa, que, como ele, depositaram em suas líricas a revolta da exclusão, a denúncia da violência praticada contra mulheres e em especial as negras, as persistências da escravidão no cotidiano pretensamente livre da República, a loucura como expressão do inconformismo.

Parece-nos, pois, que a escrita de *Recordações* não tem a violência racial como contexto, porque essa ideia levaria-nos ao entendimento que um traço compósito e intrínseco aos sujeitos, como a própria cor e a relação do mundo com essa, é uma adequação espacial que, mudando o contexto, o documento seria outro. No caso de *Recordações*, a violência racial não se apresenta como essa noção de contexto, mas como condição de produção. Isso faz-nos entender que a composição de *Recordações* deve ser lida a partir de sua condição para, primeiro, fazer valer o desejo de seu autor, depois, pela riqueza artística e enunciativa que se aproveita desse passado atroz para a maioria dos brasileiros.

## UMA LEITURA NECESSÁRIA DE RECORDAÇÕES: AS UNIDADES TÓPICAS, NÃO TÓPICAS E PARATÓPICAS DO DISCURSO LITERÁRIO.

De que valeria extrair de *Recordações* a centralidade dada por Lima Barreto sobre a questão racial? Acentua-se ainda mais o tom de acusação da questão levantada se nos perguntarmos: a quem interessaria? Impõe-se, neste trabalho, o enquadramento de *Recordações* como discurso literário. Essa aceção convoca o exame de nosso objeto a partir de uma orientação de leitura que exige a concepção de condição de produção, (de agora em diante CP). Entendemos, pois, as CPs como orientações de verificação das unidades do discurso literário, mais propriamente, as unidades não tópicas, tratadas por Maingueneau (2015, p. 81) como formações discursivas.

*As unidades não tópicas* são construídas pelo pesquisador a partir de unidades tópicas. Só pode haver análise do discurso se ela se apoia em unidades tópicas, mas elas não podem dar conta, sozinhas, do funcionamento do discurso, que é atravessado por uma falha constitutiva: o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas. [...] Toda enunciação é habitada por outros discursos, por meio dos quais ela se constrói. Os analistas do discurso, assim, são levados a desenvolver não somente abordagens que se apoiam nas fronteiras, mas também abordagens que as subvertem.

Desse modo, o enfoque dado à CP é incontornável, uma vez que ela não é um pano de fundo, mas parte compósita da enunciação, uma orientação de leitura, discurso que não se matiza em sua fronteira interior, mas no bojo da sua produção e reverberação de efeitos de sentido.

Essa noção de CP, que orienta a identificação da Formação discursiva (FD) capaz de recortar a enunciação, propõe-nos, também, o entendimento que um discurso se dá no interior de uma dispersão que legitima enunciados como “verdadeiros”, “falsos”, “possíveis”, “impossíveis”, uma certa condição do que “pode”, ou “não”, “deve” ou “não”, ser dito. E mais, quem são seus possíveis enunciadore, ou receptores. As FDs são matizes do discurso, unidades que penetram nos sulcos da enunciação pela condição do interdiscurso. Para essa pesquisa,

Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*. No nível das condições de possibilidades semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-36).

O entendimento de que dado discurso se compõe por unidades que não são tópicas, é trazer para o bojo de leitura de *Recordações* o estatuto que marca sua enunciação. Assim, podemos observar o seguinte trecho a partir da FD que demonstra o foco enunciativo. Destacamos, para iniciar, nosso primeiro recorte de *Recordações*:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa. Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição, a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada (LIMA BARRETO, 2010, p. 80).

A CP de produção que conduz a FD é que contrapõe o tratamento dado ao enunciador em contraste ao “rapazola alourado”. O evento do discurso é recoberto por um véu silencioso e violento. A denúncia, evidente, não é audível, mas mostrada em muitos níveis.

O primeiro é o que se dá no nível das FDs que corroboram a produção enunciativa, como aquela que pode ser entendida como a “liberal”, evento que só é possível de ser observado graças ao viés de orientação da CP historicizante, uma vez que a crença de que a sociedade liberal é aquela em que sujeitos têm as mesmas condições para a competição é desfeita por outra FD, a racial. No enunciado, existem apenas dois excertos que podem identificar questões étnicas, que são: [rapazola alourado] e [tez azeitonada]. Toda a compleição do impacto que essa distinção tem para o discurso se dá em fronteiras exteriores ao discurso. Nesse sentido, o FD etnicorracial se impõe como enfoque do discurso, subvertendo a FD liberal ao seu jogo enunciativo.

Outro nível em que a CR aparece é na construção do enunciador. O enunciado é: [As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim,

apesar do trabalho manual a que a sua condição, a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada]. Todo enunciado compreende uma caracterização que tem valor subjetivo, por exemplo “mãos fidalgas”, e “eu não era hediondo”. Não há, até “tez de cor pronunciadamente azeitonada”, nenhuma característica física. Em tempo, a escolha lexical “pronunciadamente”, mostra a força da cor dada nas CPs.

A CP desabrocha com mais vivacidade ao notarmos o excerto [Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!]” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa.]. Toda a cena de violência é silenciosa e não declarada. Esse silêncio está presente em “Os olhares que os presentes me lançaram”, e; “uma raiva muda”, ainda em “Não atinei; em vão passei a revista a minha roupa e pessoa”. Todos os excertos enunciam sobre atividades de reflexão e introspecção. O gesto de leitura se dá, pois, nas FDs, delimitadas a partir da relação do plano tópico pelo que pode envolvê-lo.

O discurso literário se desdobra em planos (ópos) do enunciado. Essa possibilidade de reflexão coloca o enunciado sob um amálgama capaz de revelar na enunciação certa engenharia autoral e artística. No plano da unidade tópica, podemos falar da cenografia do romance, a recordação.

O gesto de leitura não nos coloca diretamente em contato com um gênero, mas com sua cenografia, pois

[...] cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já constituído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala.

A cenografia implica, desse modo, um processo de *enlaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo *a fonte do discurso e aquilo que ele engendra* (MAIN-GUENEAU, 2013, p. 97 e 98).

Nesse sentido, a enunciação responde imediatamente à FD, que determina um traço constitutivo não tópico do enunciado, como unidade tópica, em seu ato de organização. No caso do discurso analisado, a ideia de “recordação”, gênero instituído por Lima Barreto, se marca no enunciado por sua materialidade, no seguinte trecho, no qual se confundem enunciador e locutor:

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer (*op. cit.* 2010, p. 138).

Nesse trecho, o enunciador nomeia a própria enunciação, em [as minhas *Recordações*]. Essa nomeação é referenciada pela composição da cena em dois tempos. O primeiro, é o tempo da enunciação, em [Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela], marcada por verbos no presente do indicativo, e pela descrição de sensações que a recordação traz. O segundo, é o tempo em que a *Recordação* é elaborada, que não é constituído como tempo da enunciação por meio dos verbos, mas na ideia da recordação como “objeto em desenvolvimento”, como em [De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento].

Diga-se, ainda sobre esse trecho, sobre a presença da FD. Aqui, a violência silenciosa continua vigorando e tecendo o fio da enunciação. Em “Que tortura”, “Dispo-me como uma mulher pública” e “Sofro assim de tantos modos por causa dessa obra”, a angústia do enunciador só encontra respaldo nos eventos que caminham para uma única fonte: não ver motivo para o fracasso senão a violência racial.

Tratando-se de *Recordações* como um discurso literário, resta-nos a discussão sobre uma unidade que se marca na fronteira entre as unidades tópicas e as não tópicas, que é a unidade paratópica.

A paratopia é um regime de fronteira de discursos constituintes, como é o literário, marcada por um regime autoral; são unidades observáveis em margem problemática, uma vez que não estão no “dentro”, tecendo a enunciação de maneira tópica, nem no “fora”, assim o enunciado literário está em uma

Localidade paradoxal, a paratopia, que não é ausência de todo lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria possibilidade de estabilizar-se. Sem localização, não há instituições que permitam legitimar e gerir a produção e o consumo de obras, mas sem deslocalização não há verdadeira “constituiência” (MAINGUENEAU, 2006, p 68).

Essa problemática aparece em *Recordações* em todos os níveis do discurso: no nível tópico, na memória de um enunciador que conta a sua vida e só encontra uma justificativa racial para a entender seus percalços. É, nesse sentido, um autor sem obra, uma vez que as FD se impõem como a ausência do direito ao lugar de prestígio de um escritor. Em [Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer], o discurso só se tornará literário pelas mãos de outro, mais hábil. Nasce, aí, uma contradição que se mostra como efeito da paratopia: um discurso literário que ainda não o é, está numa margem de pertencer e não pertencer.

Do ponto de vista das unidades não tópicas, a paratopia também é revelada. Em [Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa.] o enunciador percebe dois tratamentos que distinguem sujeitos do enunciado. O tratamento que distingue o faz ficar “Trôpego” e revistar “a minha pessoa”, marcam-se, assim, pessoas distintas, mas o que vem depois, sabemos por meio da leitura, é a reflexão sobre a cor, como a única ideia possível para a distinção entre os sujeitos aparentes na enunciação.

Vimos que paratopia, unidade tópica e não tópica são um compósito em *Recordações* orientado pelas CP. A CP alinhava as redes interdiscursivamente, uma espécie de identidade do discurso, um foco, uma origem, que revela e denuncia as condições de pretos e pardos no início da República. Qualquer leitura que, como mostra Schwarcz, não componha como central a questão etnicorracial, perderá muito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSÍVEIS CAMINHOS DESSA REFLEXÃO NA ESCOLA

A análise do discurso, por sua constituição interdisciplinar, especialmente ligada à filosofia e psicanálise, muitas vezes traz modos de pensar e conceitos complexos para se propor circular em sala de aula. Por isso, não necessariamente indicamos, aqui, que o professor leve para suas aulas de Língua Portuguesa ou de Literatura conceitos como paratopia, condições de produção, unidades tópicas e não tópicas. Cremos, sim, que, primeiro, essas categorias precisam fazer sentido para o professor para que ele seja esse leitor crítico sobre o qual falamos. A leitura é um conhecimento de ordem procedimental, desenvolvemos enquanto praticamos e passamos pela experiência de ler. Dessa forma, a experiência de leitura na escola requer conviver com a experiência de leitura do professor como o par avançado, o modelo, aquele que nos leva para esse caminho da crítica.

Por isso, trazer aqui a centralidade do professor é essencial no processo de ensino, é preciso um professor que tenha esse conhecimento e essa prática de se sensibilizar pelo literário, mas de buscar os sentidos dessa sensibilização na obra, no tempo, no autor e se maravilhar com as descobertas que pode fazer. Porém, a centralidade do professor é no ensino, pois, claro, na aprendizagem, a centralidade está no sujeito que aprende. Dessa forma, proporcionar a experiência em sala de aula para que os alunos tenham esse mesmo contato, essa apuração da sensibilidade, da busca dos sentidos para os sentimentos que afloram diante da literatura, pode também ser o trampolim para a sistematização.

O autor da obra vive a vida, muitas vezes de forma intensa. A consciência ou inconsciência da sua condição no mundo, o seu incômodo, a sua dificuldade de aceitação, de si e do mundo, o faz deslocar do cotidiano para um espaço paralelo em que ele busca entender pela intuição, pelos sentimentos bons e ruins, pela emoção o que acontece; isso é o motriz criativo que o faz falar, escrever, cuidar das palavras para melhor expressar esses sentimentos e o que faz emergir a obra. O leitor faz o caminho contrário, tem contato com a obra, cria sentidos, sente, intui, se desloca do cotidiano para viver a experiência literária, depois começa a entender e a buscar elementos na vida e na história do autor para, de certa forma, compreender o seu prazer, o seu arrebuo, sua felicidade e sua dor. Termina sua jornada, mas o leitor volta para o seu cotidiano, para sua vida, sua condição e a do mundo, mas passa a entendê-la de forma diferenciada. A proposta aqui é que esse seja também o caminho pedagógico para sala de aula.

Por isso, Lima Barreto é emblemático da nossa proposta em sua obra. Sua condição de vida e sujeito se constitui também como as condições de produção que determinam o seu discurso. A sua angústia e a não aceitação desse cotidiano o faz se deslocar, olhar de um lugar paralelo, portanto paratópico, para rever, dar outros sentidos, problematizar, refazer em diferentes palavras e diferentes narrativas aquilo que está exposto e, por outro lado, velado na sociedade. Acreditamos que o processo proposto pela metodologia da Análise do Discurso que aqui apresentamos em muito contribui para a formação dessa leitura crítica tanto para o professor quanto para o aluno.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 19, p. 25-42, nov. 2012.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2017.
- BARRETO, Lima. **Um Longo Sonho do Futuro: discursos, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARVALHO, Joaquim Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2014, p. 45-68.
- HOFBAUER, Andreas. **Uma História de Branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Unesp, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral, São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, 2007, p. 13-37.

OAKLEY, Robert. **Lima Barreto e o Destino da Literatura**. São Paulo: UNESP, 2011.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Gisele Aparecida. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/ Fapesp, 2002.

